



**FISIOLOGIA DE UMA AMIZADE DISCURSIVA: uma leitura fronteiriça
de *Silviano Santiago e Virginia Woolf***

**PHYSIOLOGY OF A DISCOURSIIVE FRIENDSHIP: a frontier reading of
*Silviano Santiago e Virginia Woolf***

**FISIOLOGÍA DE UNA AMISTAD DISCURSIVA: una lectura fronteriza
de *Silviano Santiago e Virginia Woolf***

Thays dos Santos Silva¹ & Luiz Eduardo Ludvig Alencastro²

UMA PARTITURA DA VIDA A QUATRO MÃOS: ler o outro é ler a si mesmo

¹ Thays dos Santos Silva é Mestranda em Estudos de Linguagens (PPGEL) com o projeto “Arquivo da exterioridade: pré-coisas da fronteira-sul”, bolsista de mestrado CNPq e graduada em licenciatura em Português e Inglês pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), é membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) e participante do projeto Cadernos de Estudos Culturais. Fluente em Libras, possui formação em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras). ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-3390-0537>. Email: thays_silva@ufms.br; thaysantosje@gmail.com.

² Luiz Eduardo Ludvig Alencastro é Graduando de Letras - Licenciatura habilitação em Português/Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista CNPq do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolve pesquisas sobre Autran Dourado, escritor mineiro, pelo Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) e membro da comissão organizadora dos CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS na Faculdade de Arte Letras e Comunicação, alocado na UFMS. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-8817-635X>. Email: alencastroluiz265@gmail.com; luiz.ludvig@ufms.br.

A partitura da vida estaria sendo tocada a quatro mãos. As duas mãos dele são as do compositor. As duas outras mãos, as do intérprete, eu.

SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 29-30.

O que pode haver de mais irritante do que ver o objeto de nossa biografia, no qual esbanjamos tanto tempo e esforço, escorrendo-nos inteiramente das mãos e entregando-se a seus desejos [...]

WOOLF. *Orlando*, p. 176.

[...] é ilusão crer que um livro seja composto apenas de outros livros, uma obra é feita de encontros com lugares, doenças, mortes, perdas, ganhos, corpos, faltas, ausências, sensibilidades, afetos, pessoas atravessadas por verdades e o mais pulsante e latente para mim enquanto crítico biográfico: pessoas que são livros não escritos.

MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 81.

A presente leitura crítica se faz no bojo das discussões engendradas pelo teórico literário Pedro Henrique Alves de Medeiros em sua obra *Silviano Santiago e Virginia Woolf: teorização comparatista biográfica fronteira* (2024). Grosso modo, o escritor sul-mato-grossense parte dos livros *Mil rosas roubadas*³ e *Orlando*⁴, a fim de estabelecer relações comparatistas tanto com seus autores (Silviano e Virginia) quanto com os personagens das respectivas tramas (Zeca e Vita). Medeiros não hesita em desenredar o material biográfico que *Mil rosas roubadas* e *Orlando* lhe oferecem, trazendo as vidas ficcionalizadas de Silviano Santiago e Virginia Woolf como matérias-primas de sua discussão. A tônica teórica presente na obra é fundamental para iniciarmos a redação desta leitura, pois conclama uma opção ancorada na escrevivência do autor e em seu interesse *por aqueles que a interioridade insiste em exteriorizar*.⁵ Isso significa que os escritos perpassam um local de reflexão *a partir de*⁶ e sobre vidas de sujeitos minoritarizados, a exemplo das obras eleitas, trata-se de vidas homoafetivas. Ademais disso, Medeiros busca escrever sua própria biografia à medida que se

³ SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁴ WOOLF, Virginia. *Orlando*: uma biografia. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

⁵ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 14.

⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 42.

embaraça nas vidas de Silviano, Virginia, Zeca e Vita. Nesse sentido, postulamos que nossos escritos também se erigem *a partir daqueles* que habitam a *exterioridade*, já que nossos corpos se colocam na posição de prismas indispensáveis por onde nossas reflexões são fundamentadas.

Tendo em vista a importância que o corpo assume em nossas reflexões, tanto os escritos de Medeiros quanto os nossos atravessam vivências sobre e *a partir das* fronteiras que nos foram relegadas. Dessa forma, elucidamos que buscamos nos presentificar na teorização escolhida na esteira das ideias epigrafadas, uma vez que a *partitura da vida* não pode em nenhuma hipótese ser executada sozinha. Este texto não tem o único intuito de destrinchar a obra previamente eleita, os corpos e suas idiosincrasias *escorrem* na superfície da letra como resultado da íntima passagem pelo nosso desejo de explicitar como escrever não está dissociado de quem escreve, prática avistada em Santiago, Virginia e Medeiros. Concordamos com Pedro no que tange à composição dos livros, *peças são livros não escritos*, então, à medida que são escritos, aproximamo-nos com nossos entrelaçamentos biográficos.

De modo a propor um caminho teórico que conclame três vidas epistemologicamente entrelaçadas, a obra basilar de nossa leitura se funda em cinco capítulos. O primeiro: “Teorização comparatista biográfica fronteira: perspectivas outras”; o segundo: “Silviano Santiago para além do pensamento abissal: opções (trans)fronteiriças”; o terceiro: “Nomes próprios e assinaturas das ausências, faltas e apagamentos: escreve-se quando não se pode falar”; o quarto: “Amizades e amâncias homoafetivas: ninguém tem vontade de falar de amor se não for para alguém”, e o último: “Homo-biografias de memórias outras: escrever é perseguir uma escrevivência”. Dessa forma, Medeiros, em tom professoral, aclara seu caminho teórico-metodológico cujo objetivo deságua em *homo-biografias*⁷ *a partir da* vida alheia.

Ao encabeçar o primeiro capítulo, o autor se centra em elucidar seu fundo crítico, ou seja, explicita-se o mote teórico descolonial do qual se vale para tecer suas ponderações. Destacamos a rubrica da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015), dado que a obra do sul-mato-grossense tem sua gênese na prática epistêmica do *a partir de*, levando em consideração seu local de produção

⁷ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 13.

sul-fronteiriço, atravessado pelo Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Tal aporte teórico possibilita realizar o ensejo fronteiriço de propor uma teorização na qual se demarca a sua consciência biolocal (*bios* = vida e *lócus* = local)⁸, isto é, fundamentar-se nas imbricações de *bios* (vida) e *lócus* (local) em seus objetivos teórico-comparatistas. Portanto, o autor recorre a uma rubrica que congrega elementos caros a ele, como afirma:

Meu intuito, à revelia do que foi difundido pelo pensamento moderno ocidental e abissal, não é rechaçar nenhum tipo de conhecimento, mas voltar meu foco para uma epistemologia outra que reconheça minha co-presença de pesquisador homo-sul-fronteiriço e as histórias/sensibilidades locais que pertencem a mim.⁹

O referencial crítico entra em contato com a prática deste texto, já que conflui com o uso dos entrelaçamentos biográficos enquanto elementos intrínsecos para erguer uma prática do saber que exuma outros conheceres e *histórias locais também pertencentes a Medeiros*.¹⁰ A crítica biográfica fronteiriça se configura como artifício, o qual está a favor de considerar a inscrição corpo-geográfica do conhecimento. Isto posto, uma vez que se escreve *a partir de* e não exclusivamente sobre, há um certo desprendimento da universalização de perspectivas como único projeto epistemológico. Dessa forma, não é suficiente apenas viver nas exterioridades, mas cabe, também, pensar *a partir dela*, pois o local se faz importante, dele o sujeito fala, molda-se, *Medeiros fala das fronteiras, torna-se as fronteiras, para vivenciá-las e as rivalizar*.¹¹ O discurso se direciona a refletir sobre como o projeto moderno europeu apaga as histórias locais dos sujeitos, alocando-os em uma posição falsamente neutra. A leitura de *Mil rosas roubadas* e *Orlando* congrega as sensibilidades de seu leitor e, assim, executa um projeto de transculturação.

Dessa forma, o que se busca é descentralizar a crítica das perspectivas eurocentradas, isto significa inseri-las em outros espaços. A crítica de Medeiros se pauta justamente acerca da assimilação de teorias europeias sem o devido atravessamento pelos sujeitos exteriorizados, afirmando que *sem transculturá-la*,

⁸ NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 47-63.

⁹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 20.

¹⁰ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 20.

¹¹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 20.

recorre, no mínimo, em uma ignorância por parte dos intelectuais brasileiros.¹² O autor estipula suas ideias em contrarresposta à forma coercitiva de como a crítica literária trata de questões locais do próprio país e de suas histórias locais. Portanto, não transculturar implica sobrepor as idiossincrasias locais pelas europeias, endossando a lógica colonial. Concisamente, cria-se um cenário crítico que consigna o *bios* dos sujeitos que pensam sempre *a partir do* local em que se encontram. Paralelo a tal efeito e sob a égide do pensamento de Nolasco, as ideias *biográfico-epistemológicas*¹³ conseguem erigir uma forma de pensar *outra*:

À vista disso, Nolasco entrevê nos pensamentos de ordem biográfico-epistemológicos uma maneira de barrar a colonialidade circunscritas nessas ideologias hegemônicas e excludentes. Pensar da fronteira-sul implica fazê-lo a partir de, subvertendo a óptica da modernidade que estabelece o modo de pensar sempre sobre “os outros”. Essa teorização de caráter fronteiro permite a inscrição de um novo sujeito epistemológico que pensa a partir das fronteiras e não mais dos centros hegemônicos detentores de dialéticas dualistas e universalizantes.¹⁴

Expomos o recorte crítico enquanto foco deste primeiro capítulo, entretanto, é de suma importância que não se considere a crítica de fundo descolonial aportada por Medeiros enquanto mais importante do que outros prismas de leitura. O projeto universalizante europeu se operacionaliza na suplantação de proposições plurais de leitura de mundo, monopolizando as perspectivas críticas partindo de um único lócus detentor de poder geopolítico, a Europa. Tendo em vista isso, busca-se dar uma contrarresposta privilegiando os pontos de vista locais, sempre a favor da horizontalidade de ângulos e teorias críticas. Atravessando as lentes usadas para a fundamentação da discussão do teórico, a leitura descolonial prescinde de sistema hierárquicos, ainda que os compreenda e os critique devidamente. Por fim, valora-se muito a iniciativa abarcada pela leitura *a partir de* e não exclusivamente sobre, já que, ainda hoje, a visão eurocêntrica se sobressalta na tradição crítica brasileira quando comparada às possibilidades *outras* de leitura.¹⁵

¹² MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 21.

¹³ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 26.

¹⁴ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 26.

¹⁵ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 28.

Após o primeiro capítulo e o que podemos compreender como preâmbulo que se direciona a criticar as leituras eurocêntricas, a segunda seção do livro intitulada “Silviano Santiago para além do pensamento abissal: opções (trans)fronteiriças” delinea o perfil intelectual¹⁶ do escritor mineiro Silviano Santiago. Isto posto, avistamos que o literato esquadrinha uma produção intelectual que tenta se desvencilhar das imposições disciplinares modernas, recolhendo-se sob uma óptica *(trans)fronteiriça*¹⁷ e elegendo uma prática epistêmica tangente à convivialidade de diferentes saberes. O termo *ecologia dos saberes*¹⁸, do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, se notabiliza no capítulo por trazer consigo a co-existência de diferentes formas de conhecer sem a necessidade de uma comprometer a autonomia de outra.

Nessa esteira, propor uma *ecologia dos saberes* significa cotejar uma *práxis* descolonial, pois congrega epistemologias além dos limites disciplinares científicos. Santiago consegue reverenciar as teorias advindas da Europa e, ao mesmo tempo, posicionar seu *biolocus*, fato que leva a pensá-lo enquanto um viajante entre fronteiras epistemológicas.¹⁹ Ao seguir esta linha lógica, Pedro estima que Silviano não adentra a descolonialidade, já que reverencia a interioridade e nela agrega suas idiossincrasias locais. No entanto, justifica-se o prefixo “trans” em ‘fronteiriço’, pois transita entre a interioridade e exterioridade em suas produções. Em adição, lê-lo enquanto *(trans)fronteiriço* auxilia em perceber as múltiplas leituras que Silviano não trabalha e, Medeiros, sob a alcunha de um crítico descolonial, intenta avançá-las neste campo epistemológico.

O autor de Minas Gerais não rechaça o modo europeu de pensar, mas ao inserir seu *biolocus*, produz literatura sem repetir acriticamente os postulados europeus, o mesmo é feito pelo teórico da fronteira. Nesse sentido, aproximar-se com o pensar descolonial, ou seja, avançar não reiterando a lógica moderna, é uma característica de ambos os escritos. Aprioristicamente, a partir de um ângulo moderno, especializar-se em literatura pressuporia se deter tão somente na literatura e em sua superfície, não obstante, observa-se em Santiago o contrário, já

¹⁶ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 31.

¹⁷ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 31.

¹⁸ SANTOS *Apud* MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 31.

¹⁹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 34.

que não se rende aos exclusivismos da literatura e muito menos nosso amigo de *conversas epistêmicas*.²⁰ Visto que seu trânsito pelas barreiras epistêmicas se faz notório no decorrer da arguição, o mineiro não escreve a partir de ideias polarizadas, mas, sim, do *entre ou (trans)lugar de seu discurso*.²¹ À la Silviano, Medeiros parte de suas ponderações que rompem qualquer polarização epistêmica e caminha em direção a uma *práxis* que agrega saberes não considerados pela modernidade.

A posição de Santiago é favorável para que a dívida com a Europa, fenômeno comum na literatura latino-americana, não ocorra ou, pelo menos, seja subvertida em algum nível.²² Ao construir suas ideias sobre os alicerces da transitividade disciplinar, pela alcunha de nosso autor, os discursos de Silviano nunca devem a ninguém, pois sua escrita nos encaminha para repensar as questões de cópia e originalidade. Desse modo, Pedro apresenta mais um motivo para pensá-lo como *(trans)fronteiriço*, uma vez que não replica submissivamente *os grandes mestres do passado*²³, ao invés disso, descentraliza-os de suas posições originais, conferindo-lhes novas nuances teóricas inspiradas *a partir de* seu lócus. Acerca desse fenômeno lido pelo autor, comenta que:

Santiago recusa-se a ficar à sombra dos grandes mestres do passado, ser comentador bem comportado, evitando assim a canonização deles. Ele desloca o pensamento destes autores para fora de um cânone moderno e os faz vivos, atuantes, políticos. O entre-lugar, nesse sentido, poderia ser entendido em diálogo com o subalterno de Gayatri Spivak e com a poética de relação de Édouard Glissant. As três posições são estratégias marcadas por um entrecruzamento teórico e existencial semelhantes e situadas no cenário pós-colonial posterior à Segunda Guerra Mundial. (LOPES).²⁴

273

²⁰ MIGNOLO. *Histórias Locais/Projetos Globais*. p. 21. Por *conversas*, referimo-nos ao conceito de conversas epistêmicas, o qual Mignolo apresenta como um modo de refletir e pensar epistemicamente o mundo, trocando opiniões, experiências e saberes que agregam a partir da troca com outro.

²¹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 34.

²² MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 36.

²³ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 36.

²⁴ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 36.

Assim, é possível tomar a insubmissão extrema do pensador como uma vantagem quando se trata de não se alocar em espaços cristalizados do saber, ainda que suas heranças sejam de ordem pós-moderna. O afastamento de Silviano sobre a disciplinaridade se faz por estabelecer *conversas* entre temas da exterioridade.²⁵ A presença do escritor, sob a égide dos pensamentos de Medeiros, aquilata uma teoria sem disciplina circunscrita, como já fora citado previamente, em uma *ecologia de saberes* que horizontaliza os ângulos críticos.

O que foi comentado até aqui corrobora a viabilidade da convivência de diferentes saberes por parte de ambos os escritores, uma vez que seus deslocamentos por entre as fronteiras do conhecimento dissolubilizam a solidificação disciplinar. Ademais disso, Medeiros costura sua linha de raciocínio juntamente com ideias do teórico argentino Walter Mignolo no tocante a aproximar as proposições de ambos os intelectuais. Sendo assim, Pedro apoia as travessias disciplinares e na outra faceta da moeda, Mignolo se imbuí como amigo epistêmico da descolonialidade a fim de propor um *mundo no qual muitos mundos podem co-existir*.²⁶ A interpolação com o descolonial possibilita a discussão sobre a pluralidade da discussão de Silviano, já que ele usa de outras perspectivas para erigir a sua narrativa, as quais dialogam com a exterioridade. Isso se entrevê na co-existência de mundos, pois pode ser percebida até mesmo no próprio ato biográfico, visto que se vale de outra vida para narrar a sua. Dessa forma, há um amálgama de dois mundos em um único corpo, ou melhor, três corpos, já que Medeiros se insere na discussão de Santiago pelos entrelaçamentos de seu *biolócus*.

Ao longo da discussão, o mineiro se vale dos sujeitos relegados à exclusão para montar o panorama ficcional de suas obras,²⁷ consequentemente, privilegia o que julga como necessário para seus escritos. Indiscutivelmente, tomando como base a tônica da crítica erigida por Medeiros, Santiago age paradoxalmente²⁸, dado que há, de certa forma, uma ambivalência entre seguir a tradição e descentralizá-la, produzindo descontinuidades que instauram perspectivas plurais.

²⁵ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 38.

²⁶ MIGNOLO *Apud* MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 39-40.

²⁷ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 39-40.

²⁸ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 42.

A desobediência de Pedro às ideias modernas e universalistas atuam para a compreensão da *práxis* de Silviano, ou seja, ser *(trans)fronteiriço* implica um certo grau de desobediência.²⁹ É indispensável que se pense as imbricações e impactos que o discurso hegemônico opera ao excluir outros pensares, corpos e locais da literatura, isso nos leva a traçar que desobedecer não é somente uma escolha epistêmica, senão de vida. Não basta estar na fronteira, temos que escolher pensar da fronteira e levar os entrelaçamentos biolocais em nossas lentes de leitura.

Partindo deste capítulo, Medeiros estipula a *(trans)fronteiridade*³⁰ de Silviano Santiago para que se delineie o seu projeto intelectual que conclama a presença e os objetivos de seu leitor. Sendo assim, sua atitude desobediente vai ao encontro com a proposição crítica do texto, a qual se funda pela opção de ser trabalhada *a partir de vidas outras*. O projeto de Silviano e Pedro preza pelas vidas *outras*, haja vista que as características de ordem biográfica (homens gays brasileiros e habitantes de fronteiras epistemológicas). Então, somente a partir dos enredamentos biolocais de Pedro e Silviano, a leitura se sustenta nas suas sensibilidades. Depreende-se, em suma, que pensar como se veicula as sensibilidades pelo espectro literário trabalha em consonância opção desobediente de vida de buscar compreender o *outro*.

275

Em seu capítulo intitulado “Nomes próprios e assinaturas das ausências, faltas e apagamentos: escreve-se quando não se pode falar”, Medeiros trabalha sua discussão em torno da rubrica do *nome próprio* e sua *contra-assinatura* exercida *a partir de* sua incorporação das obras e das *grafias-de-vida*³¹ que ambos escritores elencam em suas produções homo-biográficas. Diante disso, encontramos e somos ligados a uma tradução das obras que nos levam a um encontro em que o nome, a rubrica, tornam-se ausentes e, a partir da falta, nas lacunas que Pedro encontra em suas leituras crítico-biográficas, ocorre a inscrição, os biografemas. Diante disso, logo no início, afirma:

A justificativa da leitura comparatista aposta se dá, sobretudo, pela inquietação que me causa a falta ou o apagamento do nome próprio dos narradores de Mil rosas

²⁹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 43.

³⁰ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*, p. 47.

³¹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 52.

roubadas e Orlando, tendo em vista que essas literaturas são explícitas e abertamente autobiográficas por excelência – no desenvolver das articulações a seguir me deterei nesse viés à luz do conceito de escrevivência.³²

O apagamento do *nome próprio* que o autor aborda *está relacionado a marcação da assinatura como traços apagáveis das grafias-de-vida marcadas nas obras dos respectivos autores*.³³ Diante disso, Pedro corrobora a sua argumentação por meio do estudo de Jacques Derrida (2001), *teórico franco-argelino que compreende o traço como uma marcação livre, que pode ser inscrito e se faz presente por meio de sua ausência*.³⁴ É nesse sentido que aborda a noção de que um texto encontra-se aberto para outro texto, ou outra leitura. Ou seja, na baliza de nossa intercorporação, o texto de Pedro é aberto, assim como escancara as obras de Virginia e Silviano. Mais que isso, compreendemos tal relação para além do texto, como nos permite a crítica biográfica fronteiriça, e o que encontramos são corpos que, a partir da ausência ou mesmo do reconhecimento da falta, abrem-se para outros corpos, ou corpos *outros*, hospitaleiros em suas *seduções*³⁵ discursivas e epistêmicas.

A partir de sua reflexão enquanto assujeitado da fronteira, como demarcado em linhas anteriores, Medeiros exerce e articula o pensamento em prol do *biolocus* e, assim, utiliza a rubrica da *contra-assinatura*³⁶ como um meio para aproximar-se tanto dos personagens quanto dos próprios autores. Em nossa *contra-assinatura* crítico biográfica, somos enlaçados pelas vivências de Virginia e Silviano, Vita e Zeca, agora tão nossos quanto de Pedro. Em seu exercício de pensar a ausência do nome próprio como traço biográfico de expurgar a dor, o luto da perda a partir da escrita, o autor *realiza sua dupla contra-assinatura e pensa epistemicamente a partir dos romances*³⁷.

³² MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 52.

³³ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 52.

³⁴ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 53.

³⁵ PERRONE-MOISÉS. Promessas, encantos e amavios, 14.

³⁶ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 55.

³⁷ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 53.

A quatro mãos, de *bios* aberto, é o traço de assujeitados que nos aproxima e, nessa condição, somos *seduzidos* pelo discurso de nosso amigo das terras da revolta. Como apresenta Leyla Perrone-Moisés em sua obra *Flores de escrivantina* (1990), a sedução é iniciada, mantida e finalizada através da linguagem, seja ela pelo meio oral ou escrito.³⁸ Tendo o escritor um grande desafio, pois há de articular sua enunciação para aquele que ainda irá ler, desconhecido. O que podemos pensar ao sermos seduzidos por Pedro é que seu trabalho com a linguagem, mais que isso, sua reflexão epistemológica, é triunfal no ato de seduzir. Sua *contra-assinatura* ressalta a sensibilidade de um teórico que, ao optar por pensar comparativamente a partir do *biolócus*, expurga as sensibilidades, ou seja, memórias, vivências, sentimentos e experiências de um corpo exteriorizado por um viés teórico que prima a separação entre corpo e conhecimento. Como resultado de sua trajetória, muito bem demarcada em sua obra *Escrevivências em Silviano Santiago* (2023), apresenta em sua teorização o resultado de seu percurso de grande aprendizagem, conhecimento epistêmico e o fruto de suas *conversas* com o grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados). Em suas *pontes metafóricas*³⁹, utilizadas para sustentar seu ir e vir entre obras e autores, Vita e Zeca, Medeiros destaca:

Há, conforme Eneida Maria de Souza assente em *Janelas indiscretas* (2011), uma dicção situada entre a teoria e a ficção que é dada como marca sensível/pessoal de cada crítico. No bojo dessa visada teórica, minha dupla *contra-assinatura* no texto de Silviano e de Virginia se explicita como um direito epistêmico-biográfico o qual construí para mim, para ir aonde não posso ir, no impossível, no único modo de ir e vir.⁴⁰

Diante do que aponta o autor, é interessante observar o modo como utiliza a rubrica de um *pensamento fronteiro*.⁴¹ Quando toma seu *direito epistêmico*⁴², nosso querido companheiro de *conversas* pensa o que quer e apropria-se de epistemologias que o permitem realizar sua *contra-assinatura*, ir e vir de acordo

³⁸ PERRONE-MOISÉS. Promessas, encantos e amavios, p. 13.

³⁹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 53.

⁴⁰ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 54.

⁴¹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 30.

⁴² MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 54

com o que lhe é necessário e com o que lhe é desejável em sua teorização comparatista. É por meio de sua *desobediência* que nos aproximamos e, agora, *contra-assinamos* sua leitura. Em nosso *bios*, a *episteme* fronteiraça de Pedro grita em nossas memórias locais, assim como os *arquivos exteriorizados* suprimidos em prol de reiterar o silenciamento perpetuante de uma *retórica colonial*. Nosso *bios* se abre para Pedro e o acolhe, assim como o de Silviano e Virginia, Zeca e Vita, que agora são parte de nós. Intercorporando-os como um modo *outro* de pensar a literatura comparada para além das *linhas abissais*, de bordejar um paradigma *outro*.

Sob a égide da sensibilidade e de uma teorização poética, a linguagem ganha grande notoriedade. Como já apresentado, além de *seduzir* o leitor e o pesquisador que entram ou entrarão em contato com sua obra, Pedro exerce a *escrevivência*⁴³ e a lê em ambas as produções. É dessa maneira que vai alcançando a vida de Santiago e Virginia, *realizando a abertura de arquivos*⁴⁴, desnudando escritas, memórias e corpos. Rastreado os traços deixados por seus amigos, nosso *teorizador de vidas alheias*⁴⁵ encontra e pensa a inscrição posta em ambas as obras. Seu trabalho enquanto leitor, crítico e comparatista vai sendo estabelecido com primazia, privilegiando as *semelhanças-na-diferença*, como realiza a partir da seguinte passagem:

À vista disso, concebo que a ausência de Virginia, diferente da de Silviano ocorrida pela morte de Zeca, dá-se pelo esfriamento de sua relação com Vita o que, em determinado momento, desembocaria no fim do relacionamento amoroso, mas, *pari passu*, no perpetuar de uma amizade para além da vida [...]⁴⁶

Diante sua leitura, o que percebemos é que são justamente as sensibilidades que motivam as escritas dos autores, bem como realiza Pedro. *O traço homobiográfico* os conecta a partir das *exterioridades* que ocupam. Mesmo Virginia estando alocada em um lócus de centralidade (Inglaterra), sendo branca e letrada, seu corpo ocupa um lugar *exteriorizado* apenas por ser mulher, assim como seu amor por Vita. Por mais que em ambos os romances ocorra o apagamento do

⁴³ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 61.

⁴⁴ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 61.

⁴⁵ NOLASCO. Por uma teorização comparatista biográfica fronteiraça. s/p.

⁴⁶ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 62.

nome próprio, nosso fronteiroço demonstra que *as escrevivências de Virginia e Silviano se encontram para além do nome*.⁴⁷ Nesse ínterim, as vidas dos autores, escritas em suas obras, realizam a suplementação da falta, como aborda Medeiros.

Na esteira desse pensamento, *Pedro destaca que a escrita é erigida como um modo de perdoar o outro e, nesse mesmo exercício, se perdoar*⁴⁸. Sob a égide desse pensamento, a nossa escrita biográfica fronteira vai de encontro à epistemologia do teórico, essa que ao mesmo tempo em que age em prol do perdão, de si e do outro, o perdão pela ausência, também congrega as *feridas* e a revolta do *bios* alocado na exterioridade. Reconhece as faltas e as mazelas da colonialidade por meio de sua *desobediência* e perdoa a si mesmo, em busca de *re-aprender* um pensamento *outro*. Mas por que uma busca? Isso se esclarece a partir do momento em que reconhecemos que a escrita dele está para um pensamento pós-colonial e não descolonial, posto a transdisciplinaridade em que se ancora para pensar tais discussões. Percebemos e reconhecemos a exterioridade e o pensamento fronteiroço que vai, através do *bios*, desprendendo-se.

As ausências, as faltas que elucida Pedro *se apresentam enquanto brechas que possibilitam seu exercício teórico, uma vez que carregam as sensibilidades, ecoam e falam mesmo no silêncio*.⁴⁹ Assim, a morte é a ausência que usurpa o *nome próprio*. Ou seja, *é na falta de tais nomenclaturas dos narradores que os traços biográficos de Virginia e Silviano são ressaltados*.⁵⁰ É perante isso que vamos, também, absorvendo os *traços* de nosso teórico fronteiroço ao imergirmos sua epistemologia comparatista de fronteira, em que a própria vida é entendida como um *traço*. Assim, forma-se *a rede de traços*, haja vista que um sempre forma outro, os quais o autor irá atrelar como resultante da “[...] correlação entre linguagem, mundo e experiência que fomenta o delinear de escrevivências por meio das práticas de inscrições e desaparecimentos mútuas.”⁵¹. Dessa forma, é a partir

⁴⁷ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 62.

⁴⁸ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 64.

⁴⁹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 67.

⁵⁰ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 67.

⁵¹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 68.

de nosso traço crítico-biográfico que vamos nos aproximando da teorização amorosa de Pedro. Uma leitura que, para além de teórica, é sentimental epistemicamente. Nela se ressaltam as nossas sensibilidades sul-fronteiriças, nossas ausências epistêmicas, uma vez que nossos arquivos exteriorizados são abrangidos por *teorias itinerantes*, ou seja, saberes que viajam dos centros para as bordas⁵², os quais visam relegar não o apagamento de nosso *nome próprio*, mas o apagamento dos corpos como modo de suprimir as *histórias locais*.

Na continuidade de sua argumentação, o título “Amizades e amâncias homoafetivas: ninguém tem vontade de falar de amor se não for para alguém”⁵³ trata dos conceitos de *amizade* e *amância*, os quais possibilitam adentrar e pensar ambas as obras nas nuances de um discurso amoroso, uma ode para o perdão próprio e uma dedicatória àqueles que amaram. Nesse preciso sentido, *é a partir do recurso da metáforização que a reflexão vai sendo trabalhada*⁵⁴, ou melhor, leituras metafóricas ilustrativas de arquivos e de memórias estabelecidas por meio de cartas e relatos (es)colhidos por nosso Pedro. Para tanto, destaca:

Dessa forma, ensejo refletir a partir das lógicas sociais e afetivas outras que Mil rosas roubadas e Orlando aquilatam ao me deter na relação, empírica e discursivo-literária, de Silviano Santiago, Ezequiel Neves, Virginia Woolf e Vita Sackville-West. Grosso modo, chamo essas relações de outras, haja vista a quase diluição das fronteiras entre o amor e a amizade na convivência entre seus envolvidos o que, na esteira de Jacques Derrida, entendo por amância. Dentre os conceitos utilizados para engendrar minha discussão, percorrerei, sobretudo, os biografemas, o trânsito entre o discurso amoroso e a amizade além de, por fim, utilizar-me da amância justamente como modo relacional outro.⁵⁵

Essas relações outras, tratadas através do crivo da *amância*, como sendo o entrelugar entre amor e amizade, também nos levam a uma relação *outra* no sentido de partirem de corpos *outros*. Por *outros*, tratamos dos assujeitados exteriorizados, assim como de um modo idiossincrático de pensar o amor. Isso corroborado pelo estado fronteiriço em que se encontra Pedro, *levando-o a pensar*

⁵² MIGNOLO *apud* MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 14.

⁵³ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 75.

⁵⁴ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 76.

⁵⁵ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 76.

*nas fronteiras entre o amor e amizade, por meio das quais surgem a amância e evidencia os biografemas de Virginia e Silviano*⁵⁶:

Ainda para Ortega, a amizade (e estendo essa reflexão à amância) explicita a possibilidade de utilização dos espaços públicos para experimentar as demasiadas multiplicidades (a redundância se faz proposital) de formas de vidas possíveis ilustradas por uma forma outra de existência: a homossexual que, sub judice ao lócus discursivo, metafórico e literário o qual me assento, intitulo de homobiográfica.⁵⁷

É a partir do discurso e através dele que a teoria ganha forma e que nosso teorizador de vidas alheias realiza sua leitura comparatista do corpo, uma vez que tanto a amizade quanto a amância se encontram interligadas pela sensibilidade. Dessa forma, é irrevogável a presença do *bios* diante a crítica construída. Nesse sentido, o percurso intelectual do autor é exaltado na medida em que sua prática epistemológica reitera a perspectiva pós-colonial, por meio da qual o pensar *a partir de* e não sobre, trazendo ambos os autores como *aliados hospitaleiros* de sua teorização. Diante disso, o exercício de intercorporeidade de Pedro é exaltado em sua explanação. *Ao escrever o que quer e pensar o que quer, há o exercício de sua crítica das obras e dos traços dos escritores.*⁵⁸ Mais que pensar uma *amizade política*, Pedro estabelece essa relação com Silviano e Virginia, posto que em seu olhar não há apenas a reiteração das relações, mas também a crítica, onde não poupa a inscrição e muito menos as dores e as ausências que encontra.

281

Para além da *amância* entre Virginia e Vita, Silviano e Zeca, outro ponto que nosso teorizador estabelece é o lócus. Nesse sentido, o espaço ocupado por Silviano na *Praça Sete de Belo Horizonte, Minas Gerais, em que encontra Zeca e ambos são arrebatados pelo interesse, é dali que surge a relação dos enamorados.*⁵⁹ O mesmo ocorre entre Virginia e Vita, onde o lócus de ambas é *marcado pela mansão Knole, restituída por nossa autora britânica em ode a sua amada.*⁶⁰ Assim, ressalta o modo como as *semelhanças-na-diferença* o auxilia no

⁵⁶ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 78.

⁵⁷ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 78.

⁵⁸ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 80.

⁵⁹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 89.

⁶⁰ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 85.

processo de pensar a *amizade* para além dos sentidos pré-estabelecidos. Diante disso, circunscreve seu biólócus e, assim, trata a discussão em torno da memória:

A anamnésia, permeada por esses discursos amorosos, de amizade e de amância, machuca por não permitir que Silviano volte ao passado tal qual esse fora juntamente com Zeca. Há apenas a possibilidade de presentificação do vivido enquanto recriação discursivo-literária tomada e permeada por biografemas.⁶¹

A *anamnésia* se encontra como uma impossibilidade de voltar ao passado em todas suas nuances, haja vista que a memória não é inteiramente verdadeira, posto que nem sempre lembramos de todos os detalhes e de todas as sensações. É como se, com o passar do tempo, buscássemos acessar tais acontecimentos, mas ainda escapasse de nós alguns resquícios, esses importantes para o sujeito que sofre. Desse modo, como apresenta nosso Pedro em sua empreitada discursiva, a escrita emerge como uma maneira de perpetuar aquele passado, onde suas lacunas são preenchidas pela ficção. No que concerne o seu pensamento, é nesse sentido que o lócus ganha evidente importância, sendo ele o abrigo, aquele que situa as lembranças e permite tanto a Pedro quanto a Silviano e Virgínia a emergirem uma epistemologia amorosa, da amizade:

Ainda na chancela de Derrida, compreendo que ao vermos a guardar nosso reflexo na verdade dos nossos, a sobrevivência é esperada, iluminada e assegurada, argumento esse que não só Orlando corrobora como, sobremaneira, as minhas Mil rosas roubadas. No plano das diferenças e dos amores, mesmo não ressonantes em plena reciprocidade, vejo que, metaforicamente, Silviano é Virgínia, ao passo que Zeca é Vita, de modo simultâneo.⁶²

Sua discussão propicia o modo como nos vemos no outro e que dessa relação emerge a busca pelo que nos fascina. Silviano é Virgínia e Zeca é Vita justamente por ocuparem o lugar da falta e da realização, a sobrevivência às relações que os escritores trazem em seus romances, como a própria sobrevivência de Pedro em seu lócus exteriorizado e às suas *amâncias* vividas e revividas a partir da teorização. Com isso, temos que, ao mesmo tempo em que Virgínia é Silviano, Pedro também os são. Sua intercoporeidade possibilita não apenas o exercício de uma *contra-assinatura*, mas que ele se vista da pele de ambos os escritores, adentrando seus segredos, seus amores, suas confissões, como realiza

⁶¹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 103.

⁶² MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 107.

com Vita e Zeca. A linguagem é munção para que o *teorizador de vidas alheias* traga consigo o exercício da *amância* teórica-discursiva.

Se podemos elencar mais um grande aspecto em sua obra, o que se destaca, como já mencionado, é a própria teorização em torno da memória. Em seu último título “Homo-biografias de memórias outras: escrever é perseguir uma escrevivência”⁶³ Pedro traz à tona uma memória *outra* no sentido de tratar de *memórias homo-biográficas* que partem de relações exteriorizadas por não estarem circunscritas no ideal de aceitação do mundo, *uma vez que não estão crivadas pela heteronormatividade*.⁶⁴ Por meio desse sentido a *escrevivência* ganha força ao passo que, em sua prática de trazer um discurso que parte das experiências – dos *traços biográficos* – nosso teorizador pensa a memória como essa prática.

Nesse sentido, Medeiros, nosso artesão das *amâncias*, costura e borda linhas entre as ausências e presenças circunscritas nos romances: “É a partir desse lócus epistemológico de periferia e de exclusão que situo tanto os autores que amo, pelo crivo de uma ferida similar de um texto amizade, quanto a minha própria existência de intelectual homossexual e sul-fronteiriço.”⁶⁵ Um homem-fronteira que incorporou as histórias *outras* de Virginia/Vita e Silviano/Zeca. A escrita desobediente de Pedro traz em seu cerne a revolta de um corpo exteriorizado que expurga de seus arquivos as *sensibilidades* suprimidas ao longo de um silenciamento por meio dos *projetos globais*. No que tange tal afirmativa, nosso *teórico de vidas alheias* realiza o ato de *aprender a desaprender para reaprender*⁶⁶ os discursos amorosos, as amizades, como reitera:

Os amigos, por sua vez, transformavam-se pelos confrontos, pelos atritos ou, pelo que o próprio romance expõe, através dos desentendimentos passageiros e profundos estabelecendo o que os intelectuais da amizade supracitados entendem como o processo de ascense. A amizade, nesse prisma, representa um apelo a novas formas de experimentações de sociabilidades, um exercício do político, uma busca por alternativas alheias às normas tradicionais de relacionamentos. Silviano e Zeca

⁶³ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 117.

⁶⁴ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 126.

⁶⁵ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 124.

⁶⁶ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 34.

explicitam escolhas de vida extremamente distintas, ficcional e biograficamente, visto que aquele, enquanto crítico e professor, opta por seguir a carreira acadêmica, dedicar-se à aposentadoria e à calma de uma vida comum.⁶⁷

Enquanto *aliados hospitaleiros*⁶⁸, Pedro se tornou hóspede dos arquivos de Virginia e Silviano. Aproximou-se de suas dores, de suas memórias e mais que uma análise, trouxe a epistemologia de um amor, de uma amizade. Enquanto fronteira de seu discurso amoroso, foi transpassado pelas histórias de seus amigos e por suas *conversas epistêmicas*, como um confidente *político* em sua crítica biográfica. Ouviu os lamentos, as perdas e as infidelidades daqueles que sobreviveram às suas faltas e expurgaram em seus discursos uma epistemologia sensível, cativante, prazerosa e sedutora. *Por meio do caráter lacunar da memória, nas brechas deixadas pelas ausências dos bios dos autores*,⁶⁹ o que nosso campo-grandense faz é infiltrar-se nelas, apropriar-se do vazio para assim avançar, inovar, encantar e propiciar uma reflexão *a partir da* exterioridade:

À semelhança de Silviano e Virginia, desnudo-me enquanto crítico homossexual propondo reflexões comparatistas e aquilatando narrativas outras as quais julgo necessárias de serem discutidas na academia: formas de sociabilidade políticas outras entre dois homens amigos-amantes, entre duas mulheres lésbicas/bissexuais também amantes e, sobretudo, pela figura de Orlando que não é nem natural, homossexual, andrógino ou gay, mas *queer*.⁷⁰

284

Assim, *a partir de suas borboletas azuis*⁷¹, uma metáfora de abertura de seu arquivo íntimo e pessoal, somos levados para uma leitura que *contra-assinamos* sua discussão e somos circunscritos em nossa condição de pensadores da fronteira que habitam corpos *outros*. Nosso Pedro, Nosso Silviano e Nossa Virginia encontram-se como amigos louváveis de uma trajetória arrebatadora e amorosa. Por mais que seja um texto teórico, o que sobressai é o deleite e intensa leitura prazerosa, na qual iniciamos e não queremos mais abandonar. Em nossa sensibilidade aflorada, somos, agora, *hospitaleiros* de Pedro e amantes íntimos de

⁶⁷ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 131.

⁶⁸ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 118.

⁶⁹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 122-123.

⁷⁰ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 124-125.

⁷¹ MEDEIROS. *Silviano Santiago e Virginia Woolf*. p. 128.

sua teorização *outra*. Como um grande leitor e especialista em Silviano Santiago, o qual o autor veio trabalhando desde a graduação, o que encontramos em sua obra não é nada mais e nada menos que a construção de uma *fisiologia* de uma amizade discursiva.

REFERÊNCIAS

- MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. *Silviano Santiago e Virginia Woolf: teorização comparatista biográfica fronteiriça*. Campo Grande: Editora Life, 2024.
- MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. *Escrevivências em Silviano Santiago: exercícios de crítica biográfica fronteiriça*. Campo Grande: Editora CRV, 2023.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/ Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia*. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Promessas, encantos e amavios. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-20.
- SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.
- WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

285

Artigo Recebido em: 17 de julho 2024.

Artigo Aprovado em: 25 de setembro de 2024.